

**A PREENCHER PELO ALUNO**

Nome completo \_\_\_\_\_

Documento de identificação  n.º \_\_\_\_\_

Assinatura do aluno \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELA ESCOLA**

N.º convencional

N.º convencional

**A PREENCHER PELO AGRUPAMENTO**

N.º confidencial da escola

**Prova Final de Português**  
**Prova 91 | E. Especial | 3.º Ciclo do Ensino Básico | 2023**  
**9.º Ano de Escolaridade**

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho

**A PREENCHER PELO PROFESSOR CLASSIFICADOR**

Classificação em percentagem \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ por cento)

Correspondente ao nível \_\_\_\_\_ ( \_\_\_\_\_ )      Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_      Código do professor classificador \_\_\_\_\_

Observações \_\_\_\_\_

**A PREENCHER PELA ESCOLA**

Classificação alterada em sede de reapreciação conforme despacho em anexo

Classificação alterada em sede de reclamação conforme despacho em anexo

Duração da Prova: 90 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

14 Páginas

A prova inclui 17 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 2 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Todas as respostas são dadas no enunciado da prova.

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risca aquilo que pretendes que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

Se o espaço reservado a uma resposta não for suficiente, podes utilizar o espaço que se encontra no final da prova. Neste caso, deves identificar claramente o item a que se refere a tua resposta.

As cotações dos itens encontram-se no final da prova.

Para responderes aos itens 1.1. a 1.4., ouve a gravação e segue as instruções.

COTAÇÕES

### TEXTO A



Fonte: www.tsf.pt (consultado em 22/05/2023)

1. Assinala com **X**, nos itens 1.1. a 1.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

\* 1.1. Na sua primeira intervenção, o entrevistado destaca

- A  uma das muitas teorias sobre a torre.
- B  uma certeza sobre a invulgaridade da torre.
- C  uma característica particular da torre.

\* 1.2. Na sua segunda intervenção, o entrevistado relaciona o nome da torre com

- A  uma das lendas existentes.
- B  uma verdade histórica.
- C  uma característica da região.

\* 1.3. As questões colocadas pelo jornalista, na sua última intervenção, têm como objetivo

- A  interrogar o entrevistado sobre o período de edificação da torre.
- B  levantar diferentes hipóteses sobre a função original da torre.
- C  obter respostas quanto a uma lenda específica sobre a torre.

\* 1.4. Ao ouvirmos a última intervenção do entrevistado, percebemos que

- A  os factos apurados sobre a torre são muito estimulantes para a comunidade científica.
- B  uma recente teoria sobre a torre estimulou o trabalho da comunidade científica.
- C  as incertezas sobre a torre têm tido um efeito estimulante na comunidade científica.

## TEXTO B

«Imagina que estás no mar, deitado/a no convés de um barco à vela. Sopra uma brisa morna. O barco balança, mas muito suavemente. Ouves o som das gaivotas que atravessam o céu e, de vez em quando, alguns salpicos de espuma vêm temperar os teus braços.»

5      Conquistaste imaginar? Se sim, conquistaste viver e sentir o que estava escrito. Saíste do aqui e do agora. Imaginaste.

Então, talvez possamos tirar já algumas conclusões: quando imaginamos, a nossa atitude é a de simular qualquer coisa dentro de nós. Para tal, vamos buscar elementos da realidade que conhecemos e estabelecemos uma espécie de pacto connosco  
10      próprios: eu imagino porque quero e, enquanto imagino, o mundo lá fora fica suspenso (por exemplo, eu sei que não me vou mesmo molhar com aqueles salpicos, mas agora acredito que sim).

O filósofo grego Aristóteles concluiu que a imaginação (ou fantasia, como lhe chamava) pertencia a uma categoria diferente das sensações e dos pensamentos, uma espécie de  
15      reino à parte – talvez seja este mesmo reino que visitaste no tal passeio de barco.

Mas regressemos ao barco: e se, sem te dizermos mais nada, fosses tu a continuar esta história, por exemplo, fazendo um tubarão furar as tábuas do convés? Isso ainda seria imaginação?

20      E se te pedíssemos para, usando os materiais disponíveis no barco, consertares os danos causados pela passagem do tubarão? Isso ainda seria imaginação?

E se, depois deste episódio, te sentasses a pensar sobre a vida e a morte?

E se fizesses uma peça de teatro a partir disso?

Então talvez a imaginação tenha vários braços, que nos permitem chegar a diferentes  
lugares.

25      David Hume, um filósofo escocês do século XVIII, afirmou que nunca somos tão livres como quando imaginamos e acrescentou até que «nada do que imaginamos é absolutamente impossível».

Porém, não podemos deixar de pensar (como pensaram muitos filósofos) que existe aqui uma espécie de contradição: por um lado, a imaginação parece infinita, no sentido  
30      em que podemos imaginar aquilo que queremos; por outro lado, há sempre limites: as nossas experiências, o que temos à disposição, no fundo, nós próprios. Por exemplo, imagina que pedíamos a alguém que nunca viu o mar que imaginasse a cena do barco de há pouco. Seria difícil.

Isabel Minhós Martins e Madalena Matoso, *Como Ver Coisas Invisíveis*, Carcavelos, Planeta Tangerina, 2021, pp. 43-46. (Texto adaptado)

\* 2. Assinala com **X todas** as estratégias usadas no texto para desenvolver o assunto.

- A  Descrições que auxiliam a compreensão de um processo relacionado com o assunto.
- B  Histórias conhecidas que explicam diversos aspetos relacionados com o assunto.
- C  Referência a figuras a quem se reconhece autoridade no assunto.
- D  Formulação de questões com vista a estimular a reflexão sobre o assunto.
- E  Reprodução de relatos de várias pessoas que viveram experiências relacionadas com o assunto.

3. Assinala com **X**, nos itens 3.1. e 3.2., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

\* 3.1. Na situação apresentada logo no início do texto, para se caracterizar o movimento balanceado do barco (linha 2), recorre-se a uma expressão composta por

- A  um adjetivo e um advérbio, respetivamente.
- B  dois advérbios.
- C  um advérbio e um adjetivo, respetivamente.
- D  dois adjetivos.

\* 3.2. Na globalidade, o texto responde à pergunta

- A  *Como funciona a imaginação?*
- B  *Por onde anda a imaginação?*
- C  *Como reconhecer a maior qualidade da imaginação?*
- D  *Em que ponto começa a nossa imaginação?*

4. Selecciona a locução conjuncional adequada para completares a seguinte transformação da passagem das linhas 29 a 31, mantendo o sentido do texto.

Escreve, no círculo, a letra correspondente à locução conjuncional seleccionada.

a imaginação pareça infinita, há algumas limitações.

- (A) A fim de que      (B) Assim que      (C) Ainda que      (D) A não ser que

### TEXTO C

Debaixo das estrelas, sentado no lancil<sup>1</sup> do largo, Campanelo conta a história da Torre da Má Hora e os meninos estão de roda, escutando.

Os olhos das crianças abrem um silêncio tão grande que só se ouve a voz do homem.

Agora mesmo espalmou as mãos sobre os joelhos dobrados e deixou os meninos  
5 mexerem-se, chegarem-se mais para perto, nervosos, adivinhando que a história vai tomar-lhes todo o interesse.

E aos olhos e ouvidos abertos Campanelo demora as sílabas:

– ...Ora, a fada disse: «Só lá há de chegar quem para trás não olhar!...» Ia, pois, o  
menino andando, andando, quando avistou, a uma grande lonjura, a Torre da Má Hora!  
10 ...Muito alta e negra!...

Neste momento, a Lua, rompendo por detrás das muralhas do castelo, ilumina o largo. Os rapazinhos olham a Lua, a sombra das ruas e a cal branca das casas espantadas, na noite quieta.

Só o rapazinho do bibe preto fica imóvel – esguia e negra, nos seus olhos, desenha-se  
15 a Torre da Má Hora...

– ...E se ele olhasse para trás com medo dos gemidos e dos vultos que andavam na floresta?... Campanelo, se ele olhasse para trás?

O homem alonga a voz:

– Ficava transformado numa estátua de pedra fria como o Príncipe Sem Coração.  
20 Olhar para trás é ter medo!

Como o homem se calasse tão bruscamente, o rapazinho faz estremecer os outros com a sua grande ansiedade:

– Continua lá, continua lá, Campanelo!

E vem-lhe à ideia – só agora, depois de tanta vez ouvir o Campanelo – que a sua  
25 vida é tal qual como a do menino que não tinha pai nem mãe e ia sozinho pelo mundo... Parece-lhe que outra voz lhe está soprando ao ouvido um cicio<sup>2</sup> triste e lento...

Como os companheiros do largo, cresceu ao deus-dará<sup>3</sup>. Decorou tudo, léguas em redor da vila, correndo estradas e caminhos velhos, atravessando renques de piteiras<sup>4</sup> que cercam as vinhas, à mercê de<sup>5</sup> um tiro de sal pelas pernas. E nem os muros altos,  
30 com os cães de guarda ladrando dentadas, defendiam o que houvesse para lá da sua curiosidade. Só quando subia às árvores na mira de ninhos e descobria algum, tão pequenino, com quatro biquinhos abertos, sequer lhe tocava e logo o esquecia baloiçando nos ramos, feliz de se ver tão alto. E, nos barrancos<sup>6</sup>, desertos por longe da vila, descobria esconderijos tão disfarçados e fáceis que, quando jogava aos guardas e  
35 ladrões – ele era sempre ladrão –, nenhum guarda o conseguia prender.

Como o menino que Campanelo conta, ele também se sentia, às vezes, extenuado de andar atalhos e matos. Então, à sombra de uma copa, deitava a nuca sobre as mãos cruzadas. E todo o silêncio dos campos, que ele agitara até àquele momento com o rumor dos passos e dos gestos, se aquietava, caía sobre ele, tão largo que daí a pouco  
40 se julgava adormecido. Adormecido e de olhos abertos para as coisas que o cercavam. Principalmente para a planície, ondulando na sua frente. No horizonte ensombrado, parecia-lhe haver qualquer coisa de misterioso como na floresta que Campanelo compõe cheia de gemidos e vultos. E esse mistério prendia-lhe os olhos por largo tempo.

Manuel da Fonseca, «A Torre da Má Hora», *Aldeia Nova*, s.l., Forja Editora, 1975, pp. 121-124. (Texto com supressões)

## NOTAS

- <sup>1</sup> *lancil* – elemento que forma o bordo de um passeio ou de uma calçada.  
<sup>2</sup> *cicio* – murmúrio.  
<sup>3</sup> *ao deus-dará* – entregue à própria sorte.  
<sup>4</sup> *renques de piteiras* – filas de plantas de folhas rijas, carnosas e espinhosas.  
<sup>5</sup> *à mercê de* – sujeito a.  
<sup>6</sup> *barrancos* – terrenos muito inclinados.

5. Assinala com **X**, nos itens 5.1. e 5.2., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

5.1. Nas linhas 1 a 3, a forma como o narrador apresenta o contexto em que se encontram Campanelo e os meninos permite aproximar o leitor dessas personagens. Para tal, privilegia-se o uso de formas verbais

- A  no presente do indicativo.  
B  no pretérito imperfeito do indicativo.  
C  no pretérito perfeito simples do indicativo.  
D  no pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo.

\* 5.2. Na linha 3, a oração subordinada adverbial consecutiva exprime a consequência

- A  do efeito da voz das crianças.  
B  do efeito da voz de Campanelo.  
C  de as crianças terem feito silêncio.  
D  de Campanelo ter feito silêncio.

\* 6. Explica, por palavras tuas e de forma completa, por que razão Campanelo «demora as sílabas» (linha 7), tendo em conta a reação que ele observa nos seus ouvintes (linhas 4-6).

---

---

---

---

---

---

---

7. Assinala com **X**, nos itens 7.1. a 7.4., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

7.1. A Lua aparece e ilumina o largo. Nas linhas 12 e 13, o narrador segue o olhar dos rapazinhos na observação do espaço, usando, para o efeito,

- A  uma perífrase.
- B  uma enumeração.
- C  uma anáfora.
- D  uma comparação.

\* 7.2. O elemento que se mantém na mente de uma das crianças (linhas 11-20) é

- A  a Lua.
- B  o bibe preto.
- C  a Torre da Má Hora.
- D  o Príncipe Sem Coração.

\* 7.3. Nas linhas 21 a 23, refere-se um comportamento de Campanelo que leva o rapazinho a intervir novamente em voz alta. Esse comportamento de Campanelo é dado a conhecer por meio de uma oração subordinada adverbial

- A  causal.
- B  comparativa.
- C  condicional.
- D  temporal.

\* 7.4. Na linha 23, o nome do contador de histórias surge associado à ansiedade do rapazinho, ocorrendo como

- A  sujeito.
- B  complemento direto
- C  complemento indireto.
- D  vocativo.

- \* 8. Explicita, por palavras tuas e de forma completa, o sentido da expressão «com os cães de guarda ladrando dentadas» (linha 30) no contexto em que ocorre.

---

---

---

---

---

---

9. Assinala com X, nos itens 9.1. a 9.3., a opção que completa cada afirmação, de acordo com o texto.

- \* 9.1. A vantagem do rapazinho do bibe preto «quando jogava aos guardas e ladrões» decorria, sobretudo, da sua capacidade de se aventurar

- A  na «vila» (linha 28).  
B  nos «caminhos velhos» (linha 28).  
C  nas «árvores» (linha 31).  
D  nos «barrancos» (linha 33).

- 9.2. Na perspetiva apresentada nas linhas 36 a 43, sobressaem

- A  as semelhanças entre a realidade e a ficção estabelecidas pelo rapazinho do bibe preto.  
B  as imposições da realidade na vida do rapazinho do bibe preto.  
C  as experiências da personagem da ficção contada por Campanelo.  
D  as oposições entre o rapazinho do bibe preto e o menino da história de Campanelo.

- \* 9.3. Em diferentes momentos do texto, os olhos são associados à imaginação, como na última frase, em que essa associação é destacada através do recurso a

- A  uma metáfora.  
B  uma comparação.  
C  uma anáfora.  
D  uma antítese.









